

ABORDAGEM METODOLÓGICA PARA ANÁLISE DE ASSIMETRIAS DE GÊNERO EM REGISTROS BIBLIOGRÁFICOS DA HISTÓRIA DO *DESIGN* DE MÓVEIS NO BRASIL

METHODOLOGICAL APPROACH TO ANALYZE GENDER ASYMMETRIES IN BIBLIOGRAPHIC RECORDS OF FURNITURE DESIGN HISTORY IN BRAZIL

Rachel Rebske Hoppe^{1*}

Cláudia Regina Hasegawa Zacar¹

* Autora para correspondência: rachelrebske@gmail.com

Resumo: Este artigo descreve os procedimentos de uma análise de registros bibliográficos do *design* de móveis brasileiro sob a perspectiva de gênero. Para isso, a bibliografia é compreendida por meio do conceito de “tecnologia de gênero” de Teresa de Lauretis. A análise quantitativa envolveu a revisão narrativa de três livros que abordam a história do *design* de móveis brasileiro, desde o período colonial até o contemporâneo. As etapas da análise foram: 1) comparação das porcentagens de nomes femininos e masculinos mencionados em cada livro; 2) observação da forma como as mulheres são citadas; 3) pesquisa exploratória sobre essas mulheres. Os resultados mostraram uma predominância de menções a homens, com a presença de mulheres variando de 2% a 23%. Embora seja positivo o aumento da representação de mulheres em períodos mais recentes, notou-se que tensões de raça e classe atravessam internamente esse grupo. Por fim, são pontuados méritos e limitações verificadas.

Palavras-chave: gênero; *design* de móveis; mulheres *designers*.

Abstract: This article outlines the procedures of an analysis of bibliographic records in Brazilian furniture design from a gender perspective. To achieve this, the bibliography is approached through Teresa de Lauretis' concept of “gender technology”. The quantitative and qualitative analysis involved a narrative review of three books covering the history of Brazilian furniture design from the colonial to the contemporary period. The steps of this analysis included: 1) comparing the percentages of female and male names mentioned in each book; 2) observing how women are referenced; and 3) conducting exploratory research about these women. The results revealed a predominance of references to men, with the presence of women ranging from 2% to 23%. While the increase in female representation in more recent periods is positive, it was noted that tensions of race and class permeate this group internally. Finally, both merits and limitations observed in this analysis are highlighted.

Keywords: gender; furniture design; women designers.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo descrever os procedimentos de uma análise de registros bibliográficos do *design* de móveis brasileiro realizada sob a perspectiva de gênero. Além de detalhar as etapas do estudo e seus resultados, propõe discutir as limitações e os méritos da abordagem, assim como pontuar a possibilidade de sua utilização em pesquisas futuras.

A análise referida foi realizada como parte de uma pesquisa de mestrado acerca das experiências de mulheres marceneiras envolvidas com o projeto e a produção de móveis em Curitiba (PR) e região metropolitana, e seus resultados foram publicados em forma de artigo completo em um periódico (Hoppe; Zacar, 2024). Naquela ocasião, a discussão efetivada foi acerca da ausência das mulheres em livros sobre a história do mobiliário brasileiro, considerando a crítica feminista do campo e argumentando, com base nela, sobre possíveis explicações para tal fenômeno. Neste momento, pretendemos nos debruçar de maneira mais aprofundada sobre o método que fundamentou a análise, tecendo considerações sobre a forma como opera a bibliografia enquanto elemento capaz de produzir e reforçar estereótipos de gênero.

Para isso, utilizamos o conceito de tecnologia de gênero da teórica italiana Lauretis (1994). Para a autora, o gênero é algo que não existe de forma natural, sendo construído por meio de diferentes tecnologias sociais (Lauretis, 1994). Tecnologia, por sua vez, é um conjunto de saberes, práticas e narrativas que altera a nossa realidade. Dessa forma, as tecnologias têm poder de produzir posições de sujeito que podem ser adotadas, negadas ou negociadas pelas pessoas no processo de constituição de identidades. Portanto, tecnologias são sistemas simbólicos e práticas sociais que produzem representações sobre o que é adequado em termos de feminilidades e masculinidades (em uma concepção binária). Neste estudo, portanto, a discussão sobre os registros bibliográficos do campo é tecida considerando-os enquanto tecnologias de gênero. Em vista disso, eles não constituem elementos meramente descritivos do *design*, mas também produtores dessa realidade.

A BIBLIOGRAFIA DO CAMPO COMO TECNOLOGIA DE GÊNERO

O conceito de tecnologia de gênero foi proposto por Lauretis (1994) com base em uma visão teórica foucaultiana a respeito da tecnologia sexual:

[...] desta forma, propor-se-ia que também o gênero, como representação e como auto-representação, é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana. Poderíamos dizer que, assim como a sexualidade, o gênero não é uma propriedade de corpos nem algo existente *a priori* nos seres humanos, mas, nas palavras de Foucault, “o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais”, por meio dos desdobramentos de “uma complexa tecnologia política” (Lauretis, 1994, p. 208).

Assim, a construção do gênero dá-se por meio de tecnologias de gênero e discursos institucionais que produzem, promovem e implantam as representações de gênero (Lauretis, 1994, p. 228). Estas, por sua vez, derivam do dimorfismo sexual do sistema sexo-gênero e definem expectativas de masculinidades e feminilidades dispostas para os sujeitos. O gênero é apresentado como a representação de uma relação de pertencimento a um grupo, classe ou categoria: “assim, o gênero atribui a uma entidade, digamos a uma pessoa, certa posição dentro de uma classe, e, portanto, uma posição *vis-à-vis* outras classes pré-constituídas” (Lauretis, 1994, p. 211).

Tais posições de sujeito baseadas nas representações de gênero englobam atributos sociais que, em diversos momentos, são absorvidos por uma pessoa em um processo que a autora denomina de interpelação (com fundamento no filósofo franco-argelino Louis Althusser). Na interpelação, uma representação social é aceita e absorvida como forma de autorrepresentação. Assim, essa representação passa a ser parte da identidade da pessoa, que a considera real, embora na verdade seja imaginária.

Existe, entretanto, uma diversidade de representações de gênero “disponíveis” que competem entre si, até mesmo se contradizendo. O que faz alguém se posicionar em determinado discurso, dentre os demais, é o que se denomina de investimento: “algo entre um comprometimento emocional e um interesse investido no poder relativo (satisfação, recompensa, vantagem) que tal posição promete (mas não necessariamente garante)” (Lauretis, 1994, p. 225). Tais investimentos, por sua vez, evidenciam o poder de agenciamento dos sujeitos, portanto, assume-se a possibilidade da construção diferente do gênero, às margens dos discursos hegemônicos.

Neste artigo, a teoria da autora é acionada na compreensão da bibliografia enquanto uma tecnologia de gênero, ou seja, como um elemento que constrói e reforça noções de feminilidades e masculinidades. Pensando na bibliografia em contexto educacional, é pertinente citar o estudo da historiadora Oliveira (2019). Ao pesquisar representações de violência contra mulheres em cinco livros didáticos de História destinados ao ensino médio, concluiu que essas representações constituem dispositivos de subjetivação. Estes, por sua vez, “[...] funcionam como pedagogias que prescrevem e ensinam determinados modos de ser dos sujeitos, bem como de ver, sentir e tratar essa violência no tempo presente” (Oliveira, 2019, p. 2).

Já no contexto do *design*, Menezes, Grassine e Altmayer (2023) analisaram as bibliografias de ergonomia usualmente utilizadas nos cursos de graduação em Design de quatro universidades do Rio de Janeiro. Nesse contexto, argumentaram que a literatura e as produções do Design, enquanto tecnologias de gênero, podem reforçar “discursos centrados na figura do homem, na marcação biológica e binária de gênero” (Menezes; Grassine; Altmayer, 2023, p. 259).

Tal discurso centrado no homem pode ser evidenciado na historiografia do campo por meio da pesquisa de Buckley (1986). Segundo ela, as contribuições de mulheres para o *design* enquanto projetistas, teóricas, consumidoras, historiadoras e professoras não foram suficientemente registradas na literatura da história do *design*. Como resultado, existiria uma falsa percepção de que as mulheres não estavam presentes, ou que suas participações foram irrelevantes. A autora atribui parte dessa omissão aos métodos historiográficos utilizados no campo, que excluem as mulheres ao eleger quais artefatos, práticas e formas de produção configuram *design*.

Em termos de bibliografia do campo, a ausência das mulheres pôde ser constatada em diferentes arranjos. No artigo “*Is there a canon of Graphic Design History?*”, Scotford (1997) analisou cinco livros de História do Design escritos em inglês, nos quais identificou um cânone do *design* gráfico composto por oito homens, europeus, nascidos antes de 1920. Em uma análise quantitativa em oito obras sobre *design* originalmente escritas ou traduzidas para o português, Lima (2017) também constatou a predominância de homens – o percentual de nomes de *designers* mulheres citados variou de 2,2% a 12,8%.

Como modo de verificar esse fenômeno na literatura brasileira especificamente sobre a área de mobiliário, foram analisados registros bibliográficos em três etapas principais: 1) comparação entre a porcentagem de nomes femininos e masculinos mencionados em cada livro; 2) observação da forma como as mulheres são citadas; 3) pesquisa exploratória sobre as mulheres mencionadas. Nos próximos itens, tais etapas são detalhadas em seus aspectos de elaboração e utilização, seguidas pelos resultados e as considerações finais.

MÉTODO

A análise relatada aqui constitui uma pesquisa quali-quantitativa, de abordagem exploratória, realizada por meio de uma revisão narrativa de literatura. O critério para a seleção dos livros foi que eles abordassem o *design* de móveis brasileiro sob uma perspectiva histórica e de forma genérica – ou seja, que não fossem sobre pessoas ou empresas específicas. Outro ponto importante para a triagem foi a possibilidade de acesso integral às obras, por meio físico ou digital. Com base nisso, foram selecionados três livros: *Mobiliário no Brasil: origens da produção e da industrialização*, de Santi (2013), *Móvel moderno no Brasil*, de Santos (2017), e *Móvel brasileiro contemporâneo*, de Borges, Herkenhoff e Cardoso (2013). A primeira etapa da pesquisa foi constituída pela comparação entre a porcentagem de nomes femininos e masculinos mencionados em cada livro. Para isso, elaborou-se uma tabela para cada um, como exemplificado no quadro 1:

Quadro 1 – Exemplo de comparativo de nomes em *Móvel moderno no Brasil* (Santos, 2017)

N.º	Nome	Gênero	Páginas	Comentários
1	Joaquim Tenreiro	Homem	31	-
2	Aida Boal	Mulher	91	Aida é descrita em um único parágrafo que aborda a formação de arquiteta e sua produção durante a década de 1950. Há 4 fotos de tamanho médio de móveis em preto e branco. Não é mencionada nenhuma parceria.

Fonte: Primária

Posteriormente, realizou-se a leitura integral de cada obra, e paralelamente foram preenchidas as quatro primeiras colunas de cada nome selecionado, informando também gênero e em quais páginas a pessoa foi citada. É importante ressaltar que os nomes incluídos ou excluídos na análise não dizem respeito apenas àquelas pessoas identificadas como *designers*, visto que a institucionalização da atividade no país se deu em um momento em que a prática projetual em si já ocorria havia muito tempo.

Além disso, profissionais de outras áreas também foram responsáveis por grande parte da produção mobiliária do Brasil, como arquitetas/os, marceneiras/os e artesãs/os. Ainda, considerando o *design* uma atividade coletiva, distanciando-se da noção de autoria individual, buscou-se considerar pessoas envolvidas não apenas na produção, mas também nas etapas de circulação e consumo. Por esses motivos, existe um grau de subjetividade nessa seleção, visto que diversos nomes citados nas obras não são acompanhados de uma contextualização. Assim, uma pesquisadora com repertório distinto poderia selecionar ou excluir alguns desses nomes de modo diferente, com base em seu conhecimento prévio sobre eles.

Ainda sobre os critérios de seleção e exclusão dos nomes, existem algumas limitações quando este estudo se delimita a uma binaridade de gênero – não é possível, por exemplo, acessar a autoidentificação das pessoas mencionadas. Além disso, alguns nomes encontrados não são facilmente classificáveis como femininos ou masculinos – alguns até por pertencer a outras culturas e/ou países. Nos poucos casos em que a descrição do próprio livro ou uma busca *online* complementar não foi suficiente para solucionar essa questão, os nomes foram desconsiderados.

Na segunda etapa da pesquisa, as tabelas foram revisitadas e, seguindo a indicação das páginas nas quais as mulheres foram citadas, efetuou-se uma análise da maneira como essas menções ocorreram, preenchendo então a quinta coluna do quadro 1. Nesse sentido, observaram-se também as imagens relacionadas às mulheres – em seu artigo, Scotford (1997) reconhece que essas imagens não são necessariamente escolhidas por quem escreve o livro, mas que mesmo assim elas devem ser analisadas, pois causam efeitos na percepção de quem lê.

A pessoa leitora pode entender, por exemplo, que o trabalho de uma profissional é mais relevante que o de outra, se as imagens se distinguem em tamanho, quantidade ou mesmo no uso de cores. Na figura 1, constam a mesa de centro (sem data), a cadeira Augusta (2001), a cadeira João Carlos Cavalcanti (1989) e a poltrona Ipanema (1960), todas de Aida Boal, conforme aparecem no livro de Santos (2017). Cada uma ocupa, aproximadamente, um quarto de página.

Figura 1 – Móveis de Aida Boal



Fonte: Santos (2017, p. 90-91)

Em comparação com outra arquiteta, Lina Bo Bardi, a seleção de imagens difere em vários aspectos. Embora Lina também tenha algumas fotografias de suas peças com tamanhos semelhantes às de Aida Boal, a produção da primeira é ilustrada em maior quantidade e tamanho. Na figura 2, uma imagem de Lina Bo Bardi na Cadeira Beira de Estrada (1967), ocupando mais de uma página no mesmo livro.

Figura 2 – Móvel de Lina Bo Bardi



Fonte: Santos (2017, p. 10-11)

Por fim, a terceira etapa da pesquisa correspondeu a uma busca *online* acerca de cada mulher listada nas tabelas de cada livro, a fim de verificar aspectos de raça, classe, formação, data e local de nascimento – em alguns casos, essas informações foram encontradas nos próprios livros. Tais dados foram registrados em outra tabela, na qual se reuniram os nomes de todas as mulheres citadas nos três livros. Assim, constataram-se as semelhanças e diferenças entre elas. Os resultados obtidos no decorrer dessas três etapas estão descritos na seção seguinte.

RESULTADOS

Após o preenchimento completo da tabela referente a cada livro, foi feito o cálculo dos nomes totais selecionados e qual o percentual representado por nomes femininos nesse total. Os resultados foram compilados na tabela 1.

Tabela 1 – Relação de nomes mencionados

Livro	Total de nomes	Nomes de mulheres	Percentual de nomes femininos
<i>Mobiliário no Brasil: origens da produção e da industrialização</i> (Santi, 2013)	46	1	2%
<i>Móvel moderno no Brasil</i> (Santos, 2017)	153	16	10,5%
<i>Móvel brasileiro contemporâneo</i> (Borges; Herkenhoff; Cardoso, 2013)	155	36	23%

Fonte: Primária

Além de serem poucas em relação ao total de nomes, várias mulheres são mencionadas sem contextualização alguma, ou apenas acionadas em trechos que abordam o trabalho de um homem, acompanhados de diversas imagens. Quando o período retratado pelos livros se aproxima das décadas de 1980 e 1990, a incidência de trabalhos de mulheres é maior, e a partir daí não há uma diferença notável entre as imagens dos trabalhos de homens e mulheres citados.

De forma não proposital, os três livros acabaram abordando períodos subsequentes do mobiliário brasileiro, partindo do período colonial, passando pelo moderno e chegando ao contemporâneo. Esse desenvolvimento temporal também coincide com a elevação do percentual de mulheres citadas em cada obra. Apesar de esse aumento ser positivo no sentido de diminuição da assimetria de gênero, não se pode dizer o mesmo em relação a outros aspectos interseccionais, pelo menos entre as mulheres pesquisadas.

Das 42 mulheres citadas, constatou-se que a maioria é branca, natural de São Paulo ou Rio de Janeiro, nascida entre as décadas de 1950 e 1970 e possui formação acadêmica – principalmente em Design e Arquitetura. Embora não tenha sido realizada uma análise aprofundada sobre essas mulheres, por não ser esse o propósito da pesquisa, foi possível constatar que elas constituem um grupo bastante restrito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, a análise de registros bibliográficos mostrou-se uma ferramenta útil para quantificar (ainda que com certa subjetividade) as assimetrias de gênero presentes na bibliografia do campo. Com base nela, verificou-se que existe uma considerável ausência das mulheres, dado que os nomes femininos citados nos livros representam apenas entre 2% e 23% do total de nomes. Assim, ao menos no recorte deste estudo, constatou-se que o *design*

de móveis brasileiro é majoritariamente representado por nomes masculinos. Ainda, averiguou-se que as mulheres mencionadas compõem um grupo bastante restrito, o que revela tensões que vão além da categoria de gênero.

Ao observar os resultados obtidos do conceito de tecnologia de gênero, esta análise mostra que a bibliografia estudada, além de descrever uma realidade na qual as mulheres enfrentaram impedimentos ao aprendizado e à prática de determinadas atividades do *design*, também participa da elaboração e do reforço de noções de feminilidades e masculinidades. Dito de outra forma, a bibliografia sobre *design* de móveis que menciona majoritariamente o trabalho de homens e que cita algumas mulheres apenas em associação a eles contribui para a naturalização da concepção de que somente homens tiveram êxito nessa área, ou que seus trabalhos são superiores aos realizados por mulheres. Do mesmo modo, quando é observada uma maior incidência de nomes femininos nos capítulos que se aproximam do período contemporâneo, é importante problematizar quais mulheres são contempladas por esses registros.

Quanto às limitações da análise descrita – como a falta de acesso à autoidentificação de gênero das pessoas e a dificuldade de categorização de alguns nomes –, reconhecemos que elas revelam o caráter construído e complexo do gênero, que transborda o binarismo. Neste estudo, no entanto, adotamos estrategicamente a delimitação binária para classificar e contabilizar os nomes femininos e masculinos nos livros analisados a fim de destacar questões de invisibilidade que parecem afetar especialmente as mulheres.

Essa unificação de categoria pode ser importante em determinados momentos para a organização e reivindicação de direitos, contudo a utilização do termo *mulheres* não pretende, de forma alguma, afirmar que esse grupo é formado de modo homogêneo, pois é atravessado por questões de outras ordens, principalmente de raça e classe. De certo modo, buscamos trabalhar com essas complexidades por meio da combinação entre os aspectos quantitativos e qualitativos da análise.

Assim, avaliar recortes da bibliografia da forma descrita neste artigo pode contribuir para a crítica feminista e os estudos de gênero do *design* ao questionar critérios historiográficos que não apenas excluem certas contribuições, mas também as mencionam por vezes de modo limitado ou superficial. Ressalta-se, contudo, a necessidade de conduzir o trabalho de maneira sensível, acionando aspectos de diferença e igualdade de maneira estratégica, a fim de não reforçar a binaridade e apagar identidades de gênero que escapam facilmente dessa concepção.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa foi elaborada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior / Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

BORGES, Adélia; HERKENHOFF, Paulo; CARDOSO, Rafael. **Móvel brasileiro contemporâneo**. Rio de Janeiro: Aeroplano: FGV Projetos, 2013.

BUCKLEY, Cheryl. Made in Patriarchy: Toward a Feminist Analysis of Women and Design. **Design Issues**, v. 3, n. 2, p. 3-14, 1986.

HOPPE, Rachel Rebske; ZACAR, Cláudia Regina Hasegawa. Mulheres no *design* de móveis brasileiro: reflexões a partir de uma análise de registros bibliográficos. **DAT Journal**, v. 9, n. 1, p. 71-84, 2024.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LIMA, Rafael Leite Efrem de. *Designers* mulheres na História do Design Gráfico: o problema da falta de representatividade profissional feminina nos registros bibliográficos. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – CONTRA OS PRECONCEITOS: HISTÓRIA E DEMOCRACIA, 29. **Anais** [...], 2017.

MENEZES, Yasmin; GRASSINE, Felipe; ALTMAYER, Guilherme. *Design* e gênero: marcações binárias na ergonomia. **Arcos Design**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 258-275, jul. 2023.

OLIVEIRA, Susane Rodrigues de. Violência contra mulheres nos livros didáticos de História (PNLD 2018). **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 3, p. e58426, 2019.

SANTI, M. Angélica. **Mobiliário no Brasil**: origens da produção e da industrialização. São Paulo: Senac, 2013.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. **Móvel moderno no Brasil**. São Paulo: Senac, 2017.

SCOTFORD, Martha. Is There a Canon of Graphic Design History? *In*: FINAMORE, Marie; HELLER, Steven. **Design Culture**: An Anthology of Writing from the AIGA Journal of Graphic Design. New York: Allworth, 1997. p. 271-282.

Registro de contribuição de autoria:

Taxonomia CRediT (<http://credit.niso.org>)

Declaração de conflito: nada foi declarado.